

# Falta um museu da baía no Porto do Rio

Categories : [Marcos Sá Corrêa](#)

Começa em janeiro a reforma das reformas que destruíram o Porto do Rio de Janeiro. Serão 4 quilômetros de túneis e viadutos, 650 quilômetros de calçadas e, claro, 15 mil árvores, porque cidade nenhuma é feita só de cimento e ferro. A notícia, em si, é boa. Seria melhor se não trouxesse de volta a falta que faz nessas horas o geógrafo Elmo da Silva Amador.

A leucemia o calou há quatro meses. Ele era de Santa Catarina. Mas foi no Rio de Janeiro que deixou as maiores pegadas de sua presença na Terra - como a ação popular que evitou o loteamento da Lagoa de Itaipu, em Niterói, ou a campanha que produziu o reconhecimento oficial da Baía de Guanabara, apesar de degradada ou sobretudo por degradada, como Área de Preservação Permanente e de Relevante Interesse Ecológico.

Amador dedicou ao tema um livro raro, porque editado às custas do autor. Chama-se Baía de Guanabara e Ecossistemas Periféricos: Homem e Natureza. Há anos, quem bota a mão num exemplar com esse título dificilmente o devolve sem antes copiar suas 539 páginas.

É o testamento de um radical, a começar pela dedicatória a "Guevara, Lamarca e Marighela". Não mede argumentos científicos ou históricos para mostrar que a baía inaugurou sua desgraça no réveillon de 1502, quando passou por seus pórticos de granito a expedição de Duarte Coelho, abrindo um paraíso terrestre à ganância mercantil dos descobridores. Desde então, perdeu 91 quilômetros quadrados de superfície para aterros, lançados em suas águas por sucessivos projetos de melhoramento urbano.

Eles conseguiram tomar quase 30% de seu tamanho original e praticamente toda a floresta de seu contorno. Restou uma paisagem desfigurada, onde só um olhar crítico e especializado, como foi o do geógrafo Elmo Amador, consegue levantar o rastro dos 257,9 quilômetros quadrados de manguezais ou 132 quilômetros quadrados de restingas, dos inumeráveis terraços marinhos e dunas, das 39 lagunas costeiras, 188 ilhas, 118 praias, 24 enseadas e 50 rios e córregos que os europeus avistaram no século 16.

Aquilo era, sem tirar nem pôr, "um Éden". Mas, de tanto tirar e pôr, a cidade tornou tecnicamente possível o "desaparecimento físico da Baía de Guanabara", trocando seu berço inigualável pelo "amontoado de massas de concreto, prédios, ruas e avenidas" de uma metrópole como outra qualquer.

Esse bota-abaixo vem de longe. Data do momento em que os portugueses assentaram as primeiras pedras sobre "um morro verdejante", debruçado no mar por encostas a pino, cobertas de bromélias e orquídeas. Era o Morro do Castelo, que nem existe mais. Suas pedras demolidas jazem hoje, entre outros aterros, sob os viadutos na zona portuária.

Febre de reformas. No quesito devastação, nenhuma administração supera o recorde do prefeito Francisco Pereira Passos, o padroeiro da febre de remodelamento que, entre outras façanhas ciclópicas, soterrou mais de 60 praias para retificar esse porto que agora, um século depois, pede revitalização urgente. É muita natureza posta fora para pouco progresso.

E ainda não será dessa vez que os cariocas terão a chance de recuperar, pelo menos, a memória de tanta paisagem perdida. O projeto de reforma inclui dois museus: o MAR, de arte contemporânea, e o do Amanhã, com painéis, desenhados pelo arquiteto Santiago Calatrava, para abrir e fechar diante da baía como "asas de borboletas". Nada contra. Ou melhor, tudo a favor. Mas não estaria faltando na revitalização um museu para mostrar ao carioca quanto Rio de Janeiro ele perdeu bem ali? Ou o que falta é Elmo Amador?